

Intervenção do Presidente do Comité Olímpico de Portugal na Cerimónia do 106.º aniversário do Comité Olímpico de Portugal

O Comité Olímpico de Portugal assinala nesta data os 106 anos o que o torna um dos mais antigos comités olímpicos em todo o mundo.

Nesta ocasião é devida uma palavra de agradecimento e de enaltecimento a todos quantos serviram o olimpismo nacional e que permitiram que aqui chegássemos.

Quero dirigir uma saudação especial ao senhor secretário de estado do desporto que pela primeira vez participa num ato oficial do comité olímpico.

Agradeço a amabilidade da sua presença e desejo as maiores felicidades no desempenho da sua nobre tarefa.

O sucesso que tiver nesse desempenho será o sucesso do desporto português e de Portugal.

Conte naturalmente, no que entender útil, com a colaboração leal do comité olímpico.

A nossa obrigação é colaborar, não é obstaculizar. É ajudar não é dificultar. É facilitar não é complicar.

Estamos inteiramente disponíveis, preservando naturalmente a nossa autonomia, para o que entenda adequado na defesa do desporto e dos valores olímpicos.

Aproveito esta circunstância para deixar também uma palavra de agradecimento ao titular da pasta do desporto no governo anterior pela forma como soube gerir a relação com o comité olímpico e ao modo colaborante, de apoio e de ajuda que caracterizou o seu exercício.

Estimados convidados

Um ano anterior aos Jogos Olímpicos representa sempre uma ocasião que se entende oportuna para lançar perspectivas e tendências em relação à participação portuguesa naquele que é o maior evento desportivo à escala planetária.

Nestas breves palavras que vos dirijo não seguirei esse caminho.

A missão de valorizar socialmente o desporto requer uma abordagem distinta e uma mudança de perspetiva.

O valor social do desporto e do olimpismo está para além do efémero destaque durante duas ou três semanas, ao longo de um ciclo de quatro anos em que o trabalho da maioria dos nossos atletas, dos seus treinadores e das respetivas federações permanece alheio ao conhecimento da generalidade dos portugueses.

Se por vezes somos críticos perante quem só repara no olimpismo no período dos Jogos e nos resultados de pódio temos a obrigação de não incorrer em igual erro.

A participação numa missão olímpica obedece a um longo e apurado processo de programação, projetado num horizonte alargado a mais do que um ciclo olímpico.

Foram as bases desse processo que o COP formalizou com o Estado num programa plurianual assinado no início do ciclo.

Espera-se, pois, tomando por referência os termos e as condições aí assumidas, que a avaliação da preparação e participação portuguesa nos Jogos seja feita nos termos previstos, ou seja, no final do ciclo.

Esse é o momento próprio e cá estaremos a avaliar o desempenho da nossa missão

Entretanto compete-nos saber destacar aqueles que pela excelência do seu desempenho, o testemunho do seu exemplo e a força do seu caráter prestaram inestimáveis serviços ao Olimpismo, ao desporto e à sociedade portuguesa, perdurando na memória dos seus cidadãos.

Foi isso que acabámos de fazer.

Distinguímos o engenho, o esforço e o talento de quem é e foi capaz de projetar Portugal e o desporto português ao mais alto nível, celebrando a universalidade dos valores do desporto.

Distintos convidados,

É precisamente a universalidade do desporto, dos seus valores e princípios fundamentais, incorporados no Ideal Olímpico, o segundo elemento que quero destacar.

Tão ou mais penalizador que uma visão de curto prazo é uma visão estreita e redutora sobre a importância do desporto no seio de uma sociedade que se quer desenvolvida.

Se há quem a essa visão persista tal não se pode esperar de quem tem por objetivo, inscrito no seu documento fundamental, a Carta Olímpica, *“pôr sempre o desporto ao serviço do desenvolvimento harmonioso do ser humano, com vista a promover o estabelecimento de uma sociedade pacífica comprometida com a preservação da dignidade humana”*

A missão das organizações do Movimento Olímpico e Desportivo é muito mais do que preparar, organizar e regular competições desportivas. E esta evidência resulta não apenas da leitura de textos e das normas de referência.

Ela emerge da legitimidade de inúmeras ações concretas em que os seus agentes quotidianamente se empenham, reconhecidas - é bom que se sublinhe - pelo concerto dos Estados no seio das Nações Unidas em cuja Assembleia-Geral o Comité Olímpico Internacional tem assento.

“Os princípios Olímpicos são os princípios das Nações Unidas” afirmou o seu secretário-geral, pois apenas o desporto tem o potencial - através de uma linguagem universal fundada em princípios de tolerância, não-discriminação, respeito e solidariedade - de promover a paz, a integração social e a educação de crianças e jovens numa perspectiva de melhoria contínua, em busca permanente da excelência e da superação.

Negligenciar a relevância social, económica e política de um bem público com esta amplitude e dimensão, confinando a ação das organizações desportivas a um reduto restrito ou ao serviço de agendas curtas representa muito mais do que comprometer a competitividade internacional do desporto português.

Trata-se de cercear o desenvolvimento do país através de um instrumento cujo retorno junto da comunidade é exponencialmente maior que o investimento que nele é feito. O desporto, não nos cansamos de o afirmar, vale mais que aquilo que custa.

Um desenvolvimento expresso na qualidade dos indicadores e na redução dos encargos de saúde pública.

Expresso no impacto no turismo, no tecido empresarial e na internacionalização da economia e cultura portuguesa, particularmente num contexto em que os Jogos se vão realizar no país com maior número de falantes da nossa língua.

Mas fundamentalmente, um elemento imprescindível na educação e formação cívica de todos os portugueses, profundamente enraizado na sua vida comunitária, cuja concretização mobiliza esta instituição centenária que hoje celebramos e nos orgulhamos de servir.

Minhas senhoras e meus senhores

Terminamos um ano com excelentes resultados nas nossas missões e com apuramentos para os jogos muito animadores num número já vasto de modalidades.

Mas não ignoramos o que nos rodeia. Vivemos tempos difíceis, como ainda recentemente o reconheceu Thomas Bach, presidente do Comité Olímpico Internacional.

O desporto contemporâneo está contaminado pela produção do espetáculo supermediatizado, com uma enorme capacidade de atração de grandes públicos, explorado pelo mundo dos negócios e palco de afirmação e visibilidade de países e nações.

É neste quadro global que o mundo das organizações desportivas tem sido abalado por fenómenos graves, sejam na gestão de recursos financeiros com sinais de corrupção, seja em comportamentos que indiciam uma degradação das regras éticas como o são as práticas dopantes.

Enganamo-nos todos se considerarmos estas ocorrências como fatores menores ou marginais ou apenas próprios de organizações onde circula muito dinheiro e muitos interesses. Como fenômenos que estão longe de nós.

Se não adotarmos procedimentos que combatam os fatores de risco a que se expõem as organizações desportivas estamos sujeitos que ocorrências similares nos batam à porta.

Ocorrências que não ajudam à valorização social do desporto.

E por isso nunca foi tão urgente a adoção de procedimentos de transparência, de democraticidade, de integridade e de boa governação das nossas organizações

Os valores olímpicos têm o dever de ajudar a resgatar a credibilidade de que padecem muitas organizações desportivas.

É fundamental concretizar um quadro de ação que conduza a um maior conhecimento, envolvimento e identidade social com o desporto, a um reforço da cultura desportiva, à mobilização cívica para um maior escrutínio público sobre esta área.

Nada se constrói sem as pessoas. Com os atletas necessariamente. Mas também com os treinadores, os dirigentes, os médicos, os massagistas, os fisioterapeutas, os técnicos das diferentes especialidades. Com os clubes, os patrocinadores e outros parceiros.

Cativando a comunicação social para um escrutínio sério e focado em valorizar o desporto como fator de coesão e identidade nacional. E estimulando junto dos responsáveis políticos o incomensurável valor do desporto. Com a humildade de reconhecer que é preciso motivar e mobilizar pessoas, por vezes com ideias diferentes sobre as melhores soluções.

As nossas vulnerabilidades surgem quando não procuramos uma prática de compromisso ou nos inebriamos na presunção de que sabemos tudo. Ou, porque temos poder, devemos impor unilateralmente a nossa perspetiva.

Caros amigos, estimados convidados

A montante de quaisquer medalhas, que quando ocorrem nos enchem de alegria, não podemos esquecer que a prioridade reside na mobilização do país para o desporto.

A montante está o usarmos o desporto como meio de valorização humana e de desenvolvimento social

Este é o nosso objetivo é para ele que trabalhamos e para que ele tenha sucesso precisamos de todos .

O dia de hoje, assinala parte dessa caminhada. Contamos convosco.

Obrigado pela vossa presença.

Lisboa 14 de dezembro de 2015

José Manuel Constantino